

Morosini, M. C.; Corte, M. G. D. & Bolzan, D. P. V. (Orgs). *Futuros da educação superior [recurso eletrônico]: tendências e cenários em contextos emergentes*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2023. Digital: Acesso aberto.<sup>1</sup>

**Odorico Ferreira Cardoso Neto**

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Brasil

[kikoptbg@gmail.com](mailto:kikoptbg@gmail.com)

A obra “Futuros da Educação Superior: Tendências e cenários em contextos emergentes” tem como organizadores Marília Costa Morosini, Marilene Gabriel Dalla Corte e Doris Pires Vargas Bolzan, publicada pela ediPUCRS em 2023.

Os textos buscam responder questões específicas em que são destacados cenários da educação superior (ES) em contextos emergentes, abarcando suas tendências baseadas em ciência, pesquisa, dados e ensaios.

Na apresentação, as organizadoras indicam que o futuro do ensino superior está no exercício da imaginação humana. A obra apresenta 15 capítulos distribuídos em três eixos. O primeiro eixo está organizado a partir da temática Redes de conhecimentos e contextos emergentes.

No primeiro capítulo, **Modelos emergentes de universidades: tendencias regionales y escenario de transformación**, o autor Axel Didriksson (UNAM) aprimora o conceito de contextos emergentes, a partir de sua trajetória em que aborda as mudanças que vêm se sucedendo nos modelos e na organização das universidades em distintas Instituições de Ensino Superior (IES) de regiões do mundo e, em particular, da América Latina. Essas mudanças compreendem contextos emergentes que se apresentam em uma grande fase de transição, mostrando como as instituições de educação superior estão segmentadas e hierarquizadas, particularmente, de forma muito preocupante em nossa região, estando situadas em condições de extrema desigualdade social, econômica, educacional e de conhecimento.

O autor conclui que a universidade que se busca tem que ter qualidade social do valor do conhecimento que gera, transfere, se apresenta como princípio organizador, como eixo de suas mudanças, localizado no caráter de seus processos educativos e no perfil de uma instituição que responde tanto aos desafios colocados pela transição democrática como no desenvolvimento com bem-estar.

<sup>1</sup> Disponible en: <https://editora.pucrs.br/livro/1667/>

No segundo capítulo, **Cenários antecipatórios da educação superior: futuros possíveis** Denise Leite (UFRGS) e Marcela Mollis (UBA) abordam o campo da educação superior em perspectiva comparada, do ponto de vista da antecipação de futuros cenários pós-pandemia em contextos emergentes. A preocupação das autoras foi trazer para o debate o vínculo entre educação superior e desenvolvimento sustentável, e a cosmovisão ecológica servindo ao propósito de uma economia voltada ao social, a partir de tendências e cenários que sirvam aos contextos emergentes, destacando que uso do termos futuro (os futuros), no plural, é uma estratégia antecipatória para desenvolver a participação de comunidades carentes de conhecimentos e saberes que melhorem a qualidade de vida das comunidades junto a instituições e acadêmicos em rede em prol de um humanismo ativo, científico, cultural, artístico e tecnológico.

O terceiro capítulo discute **Contextos emergentes e cenários da Gestão da Educação Superior**. Ele trata dos contextos emergentes das décadas iniciais do século XXI e, em especial, do marco pandêmico que abalou o mundo, cuja autoras Maria Estela Dal Pai Franco (UFRGS-Ap) e Glória Vivas (PUC Javeriana) destacam o Brasil e a Colômbia como países que enfrentaram muitos desafios para a Gestão da Educação Superior (GES).

As autoras concluem que a educação para o conhecimento não é suficiente sem a sabedoria moral e o senso de justiça. Os novos cenários serão mais qualificados se a universidade contribuir para uma sociedade na qual as pessoas compartilhem seus conhecimentos e seu capital cultural necessários para uma vida digna. É a força que marca os contextos emergentes, transformando as adversidades em desafios para a GES superar.

No quarto capítulo, **Internacionalização da educação superior na perspectiva da integração solidária no contexto latino-americano** Marília Morosini (PUCRS), Estela María Miranda (Universidad Nacional de Córdoba-UNC) e Marilene Gabriel Dalla Corte (UFSM) tratam da Internacionalização da educação superior na perspectiva da integração solidária no contexto latino-americano.

As autoras compreendem que mais do que identificar as assimetrias e as divergências e negligenciar a importância das heterogeneidades diante de realidades tão diversas, há de se colocar em pauta os fundamentos epistemológicos que embasam as diretrizes de execução de um espaço comum para América Latina. Isso significa pensar a construção desse espaço de ES como um processo político e econômico, não neutro. Negligenciar tal pressuposto é negligenciar as concepções de integração solidária que embasam os processos de internacionalização acadêmica, incorrendo-se em aprofundar as assimetrias em relação aos diferentes contextos da América Latina e de desigualdades em relação aos diferentes sistemas de inserção dos Estados no campo da educação superior.

No último capítulo do eixo 1, **Educação Superior: tendências e cenários em contextos emergentes**, de José Vieira de Sousa (UnB) e Olga Cecilia Díaz Flórez (UPN da Colômbia) identificam e analisam algumas das principais tendências e cenários que estão definindo o futuro da educação superior nos países da América Latina e no Caribe.

Souza e Flórez autora e autor do capítulo defendem que a educação é bem pública, por isso, não é uma reivindicação nostálgica de um passado utópico. A educação superior tem que ser promovida, reconhecida como patrimônio da humanidade, como um recurso social. É um bem público que sempre está em risco, em disputa, e, assim, necessário se trabalhar permanentemente no desenvolvimento de experiências de cooperação intelectual solidária entre diversos produtores de conhecimento e de inovação social.

No segundo eixo, enfocou-se **nas redes de ensino e aprendizagem**, que se organizam a partir de uma variedade de temáticas decorrentes de pesquisas. No primeiro capítulo, **O currículo em tempos de incerteza e reinvenções: cenários emergentes pós-pandêmicos**, escrito por Cleoni Fernandes (IFSUL), Ana Mouraz (AAUAb) e Egeslaine de Nez (UFRGS), as autoras apresentam a modificação conceitual que implica as teses dos pós (positivismo, moderno e pandemia), assim como questionam muitas das certezas e da forma como hoje se organiza o conhecimento. Os desafios que tal mudança conceitual acarreta para a configuração das questões essenciais do currículo (para quê, o quê, como e a quem) se organizam a partir de cinco conceitos, associados às epistemologias do sul, que são: o local, a experiência, a diversidade, a intersubjetividade e a interculturalidade.

As autoras, ao final do artigo, fazem uma provocação. “É preciso, pois, superar, reinventar e ressignificar as práticas docentes, buscando a socialização do conhecimento historicamente construído. O confinamento não pode criar um estado de isolamento no currículo, porque, em essência, este se trata de um espaço de partilha”.

O segundo capítulo **O ensinar e o aprender na educação superior e seus cenários**, de Maria Isabel da Cunha (UFPEL) e Elisa Lucarelli (UBA), destaca os referentes da pedagogia que tratam do ensinar e do aprender, representando o núcleo central que compõe esse campo de conhecimento.

Para elas, a transformação do ensinar e do aprender na educação superior requer um especial comprometimento institucional que sustente as condições favoráveis às mudanças desejadas. Requerem-se energia e intencionalidade não só das pessoas, mas também das instituições de educação superior, pois é no contexto de suas políticas e culturais que os processos inovadores constituir-se-ão. Essa condição passa por recursos materiais, tais como sua arquitetura e os insumos necessários; mas também depende principalmente dos Projetos Institucionais das Instituições de Ensino Superior, que devem estimular, com programas, pessoal de apoio e assessoramento pedagógico, a possibilidade de avanços. Prática pedagógica e prática social caminham a par e passo, o que significa, também, o envolvimento do entorno e as relações com os diferentes parceiros da prática educativa.

O terceiro capítulo, intitulado **Docências e redes de conhecimentos na educação superior: tendências e cenários**, de Doris Pires Vargas Bolzan (UFES) e Mario Reinaldo Vázquez Astudillo (USACH), são destacadas ideias acerca das docências, da aprendizagem docente colaborativa, do desenvolvimento profissional docente, do trabalho pedagógico e das redes de conhecimentos; enfocam, ainda, as tendências que envolvem os conceitos de transformação digital, aprendizagem híbrida e personalização da aprendizagem.

As tendências que envolvem os conceitos de transformação digital, aprendizagem híbrida e personalização da aprendizagem exigem pensar em um autêntico contrato social para a educação, a fim de alcançar perspectivas de inovação e de (trans)formação. O contrato pressupõe uma docência que se amplia, em diversas dimensões e modalidades (bidocência, polidocência etc.), gerando formação/processos educativos capazes de romper com ações formativas individuais, como modelos tradicionais de ensino.

A reconfiguração desse contrato social para a educação implica superar a discriminação, a marginalização e a exclusão, buscando a garantia da equidade, da igualdade de gênero e de direitos individuais, sem discriminação de raça, etnia, religião, deficiência, orientação sexual, idade ou cidadania.

No quarto capítulo, intitulado **Tendência e cenários na universidade: o estudante em um currículo internacionalizado**, de Vera Lúcia Felicetti (UNILASALLE) e Mirta Yolima Gutiérrez-Ríos (UNILASALLE da Colômbia), as autoras discutem os desafios identificados na formação de doutores em educação, nos contextos brasileiro e colombiano, enfatizando que estes estão alinhados com as tendências mundiais em educação. Dois cenários são propostos para seu fortalecimento: a criação de comunidades mistas de pesquisa, treinamento e inovação; e o fortalecimento de estratégias de inter-relação em ambientes virtuais e remotos.

Os cenários propostos indicam construção de uma responsabilidade sociocientífica, que necessita permear o currículo, quer seja ele internacionalizado, quer não, em tempos pandêmicos ou pós-pandêmicos, entendendo-se a necessidade de serem proporcionados espaços nos quais os estudantes desenvolvam comportamentos apropriados, responsáveis e eficazes, voltados às questões sociais, econômicas, ambientais e ético-morais; espaços esses organizados em torno de princípios de cooperação, de colaboração e de solidariedade; espaços que possibilitem o trabalhar juntos, em equipe; espaços que enfatizem a aprendizagem intercultural e interdisciplinar no que se refere não somente à produção do conhecimento, mas também ao desenvolvimento da capacidade crítica e de aplicação do conhecimento; espaços acadêmicos que vislumbrem a inclusão, a equidade e o bem-estar do novo perfil de estudantes que ingressa na Educação Superior; espaços de permanência, de apoio e de promoção da transformação do contexto universitário, tornando-o mais justo, equitativo e sustentável; espaços de reconstrução das oportunidades educacionais experienciadas pelos estudantes em diferentes espaços culturais e sociais.

O quinto capítulo do segundo bloco, intitulado **Entornos virtuales: escenarios en la construcción de instituciones de educación superior**, de Maria Del Carmen Silva (Universidade Autónoma de Madrid) e Ana Carla Hollweg Powaczuk (UFMS), aborda as transformações e os cenários emergentes, na educação superior, com ênfase em encontros virtuais de formação na universidade.

Os cenários apresentados representam possibilidades que podem ser implantadas em várias configurações para repensar a gestão e princípios de fortalecimento da educação universitária. As autoras entendem a necessidade de se apreciar construções, projetos e ações comprometidas com o desenvolvimento crítico das pessoas em seus contextos, favorecendo a tomada de decisão sobre o

que pode acontecer, sobre o que precisa ser reconstruído, tendo em conta as necessidades e os contextos emergentes.

O terceiro e último bloco trata do tema **Redes colaborativas e as pesquisas**, trazendo um conjunto de capítulos que enfatizam temáticas decorrentes desse enfoque. No primeiro capítulo, intitulado **Espaço da educação superior nos países Língua Portuguesa e os desafios da cooperação: os casos de Portugal e Brasil**, cujas autoras são Sirlei Lauxen (UNICRUZ) e Luisa Cerdeira (Universidade de Lisboa). Elas analisam a contribuição na educação superior e os desafios da cooperação no espaço da Língua Portuguesa.

As autoras indicam que a possibilidade de cooperação entre os países, com a participação ativa do Brasil e de Portugal em relação ao ensino híbrido, as interações pedagógicas, a valorização dos profissionais, o fortalecimento da capacidade científica e tecnológica e a prestação de serviços podem constituir-se como contribuições importantes, possibilitando que cada sistema de educação superior encontre o seu lugar e papel num mundo em rede, beneficiando-se de todas as iniciativas e experiências que vão sendo compartilhadas.

No segundo capítulo, intitulado **Gestão universitária no contexto da COVID-19: inovações e [des]rompimentos no Brasil e no Uruguai**, de Elisiane Machado Lunardi (UFSM), Patrícia Viera (UDELAR) e Rosane Carneiro Sarturi (UFSM), as autoras têm como objetivo refletir acerca das dificuldades apresentadas no Ensino Superior e dos seus enfrentamentos, no que tange à gestão universitária, considerando-se os cenários da pandemia da COVID-19 no Brasil e no Uruguai.

Lunardi e Viera apontam várias estratégias adotadas para garantir a segurança dos cidadãos do Uruguai e do Brasil, entre elas: o uso das plataformas digitais para o desenvolvimento das disciplinas; reuniões com os grupos de pesquisa, orientações, defesas, qualificações, entre outras atividades acadêmicas; inovações administrativas que agilizam os processos burocráticos de comprovações documentais, que mostraram que podem permanecer oficialmente quando a nova normalidade emergir; criação de formas de interação, comunicação e colaboração que antes eram pouco usadas nas atividades acadêmicas.

O cenário de incertezas vividos pela gestão universitária frente à Pandemia da covid-19 produziu estratégias de superação que foram e estão sendo apresentadas mediante o contexto das realidades educacionais apresentadas no cotidiano da universidade e escola como um todo.

No terceiro capítulo denominado **Políticas de educação superior em contextos emergentes: cenários a partir do desinvestimento público no Brasil e Cabo Verde**, de Sérgio Franco (UFRGS), Arnaldo Brito (Uni-CV) e Elisa Lopes da Cruz Ferreira da Silva (Uni-CV) partem de dados oficiais do setor da educação superior do Brasil e de Cabo Verde para apontar cenários possíveis da educação superior (ES).

No Brasil, o quadro se apresenta a partir da presença maciça do setor privado na ES e da diminuição de investimentos em ES e Ciência e Tecnologia (C&T). No caso de Cabo Verde, observa-se, atualmente, a diminuição do contingente de alunos e um desinvestimento em ES e C&T, não havendo perspectiva de um incremento da oferta de ES e de desenvolvimento científico e tecnológico.

O último capítulo, intitulado **Espaços digitais estabelecidos na pandemia: reflexões no contexto da educação superior no Brasil e Portugal**, de Adriana Justin Cerveira Kampff (PUCRS), Lucia Maria Martins Giraffa (PUCRS) e Sara Dias-Trindade (Universidade de Coimbra), as autoras apresentam a discussão sobre a utilização das tecnologias digitais na educação superior. A pandemia da COVID-19 e a paralisação em larga escala de universidades em todo o mundo, obrigando milhões de estudantes a assistir às suas aulas de suas casas, demonstraram a importância desta discussão em face do processo de migração emergencial do ensino presencial para o remoto.

À guisa de conclusão, as proponentes do artigo tomaram como referência o Horizon Report, de 2021 para indicar seis itens de uma lista que inicialmente consistia em 141 elencados como tendências e práticas relacionadas à educação digital: 1. Inteligência Artificial (IA); 2. Modelos de Curso Misto e Híbrido (*Blended Learning*); 3. Análise de Aprendizagem (*Learning Analytics*); 4. Microcredenciamento: definidos pela *State University of New York (SUNY)* como programas de estudo e 5. Recursos Educacionais Abertos (REA).

A obra nos seus 15 artigos contribui para que se abarque a emergência de se compreender o “novo normal” educacional e suas equivalências que colocam em xeque a educação tradicional e em choque as novas perspectivas pedagógicas. O ensino superior e, a educação como um todo, sentem-se desconfortáveis com o novo tempo, todos desafiados, receosos de como encarar o presente para vislumbrar o futuro, mas, ao mesmo tempo, cheios de espanto filosófico, prenhes, dispostos a gestar uma nova história, um novo amanhecer, gestar outro mundo possível.

Existe medo de desafiar nossas vãs certezas educacionais, sobressaltando nossa incredulidade. Ela, a incredulidade, gerou os resquícios renovados do conservadorismo que tomou conta da sociedade em termos políticos, econômicos e culturais. Precisamos de desafios que tirem o mofo das nossas certezas e criem *tsunamis* criativas para se lidar de maneira mais transparente com o nosso devir pós-pandemia, nossa pós-verdade, nossas peculiaridades, nossa confusão a obstruir o redesenho da educação socialmente comprometida com a vida, com a esperança, com a empatia, com a vida boa, com a cidadania, a emancipação e a autonomia de nosso fazer/ser educacional.

### **Sobre o autor**

*Odorico Ferreira Cardoso Neto*. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia (CUA), lotado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), no Curso de Letras, possui estágio pós-doutoral na UNB (2015), doutorado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2006), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002), graduação em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (1998), graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992), graduação em Filosofia pelo Instituto Filosófico de Apucarana (1986), experiência na área de Educação, com ênfase em Política Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, democracia, democratização, Plano Nacional de Educação (PNE) e gestão. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0437-3835>